

Considerações sobre a Morte de Deus na filosofia de Nietzsche¹⁷

*Leonardo Camacho de Oliveira*¹⁸

Resumo: Neste artigo buscaremos abordar o importante tema da morte de Deus no pensamento de Nietzsche, analisando e confrontando a interpretação de comentadores sobre o mesmo. Para esta tarefa analisaremos o anúncio da morte de Deus, atentando para a simbologia sutil contida nele. Não poderemos fugir do estudo da auto-supressão da moral, como motivadora do ocaso divino. Também observaremos o impacto deste fato capital no âmbito moral, buscando, por fim, senão responder ao menos instigar o debate, sobre as questões: Podemos falar de um ateísmo em Nietzsche? Decorre da morte de Deus um niilismo negativo?

Palavras-chave: morte de Deus; auto-supressão da moral; niilismo; ateísmo.

Abstract: In this article, we seek to study the important theme of the death of God in Nietzsche's thinking, analyzing and opposing the interpretation of commentators. For such effort we shall analyze the announcement of the death of God, attempting for its subtle symbology. We cannot avoid the study of the self-suppression of morality, as the motive for the divine decadence. Also we will observe the impact of this capital fact in morality, seeking, at last, if not to answer at least instigate the debate, towards the following issues: Can we speak of an atheism in Nietzsche? Does it follow from the death of God a negative nihilism?

Keywords: death of God; self suppression of morality; nihilism; atheism.

1. A morte de deus

A afirmação de que deus está morto é talvez uma das passagens mais célebres do pensamento de Nietzsche, que, apesar da colocação dramática, resulta de um raciocínio argumentativo complexo e muitas vezes olvidado. Com efeito, num primeiro momento pretendemos analisar a construção desta linha de pensamento que resultará no falecimento de tudo o que é divino. Para tal tarefa será fundamental atentarmos para três temas: o da auto-supressão da moral, o do homem louco e o da ausência de um ateísmo.

A moral metafísica e cristã, contra a qual Nietzsche dirigia seus poderosos ataques, surge como manifestação do instinto para segurança, servindo, então, como um precário escudo usado pelo homem para proteger-se do niilismo. Em outras palavras, para não ser forçado a admitir uma ausência de sentido da vida e do mundo, o homem se submeteu a dogmas metafísicos e religiosos. Mesmo tendo que tornar-se crente, tal crença dava em troca uma pretensa segurança. Contudo, esta moral trouxe consigo a idéia de que a verdade possui grande valor (desde os filósofos gregos

¹⁷ Artigo vencedor da II Mostra de Produção de Textos Filosóficos.

¹⁸ Acadêmico do curso de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

clássicos que a tinham como meta, até a religião cristã que sempre colocou a verdade como algo bom - tenha-se em mente a proclamação se Jesus para seus apóstolos “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida¹⁹”).

Tamanho elogio à verdade estimula no homem uma vontade de verdade, ou seja, por ser ela de tal forma valorizada, os homens são movidos a sempre buscá-la. Curiosamente, é justamente por meio desta constante busca pela verdade e das conclusões dela resultantes que essa moral metafísico-religiosa encontra seu ocaso. Tal realidade exemplifica-se com atitudes como as de Galileu e Copérnico, que, movidos pela vontade de verdade, acabam por alcançar postulados que ferem seriamente os dogmas da religião cristã. Este fascinante fenômeno, apontado por Nietzsche, é por ele chamado de Auto-supressão da moral. Neste sentido Gianni Vattimo pontua com precisão:

Auto-supressão da moral significa o processo no qual se dá despedimento da moral por moralidade. É com base no dever de verdade sempre pregado pela moral metafísica e depois cristã que no fim as realidades em que essa moral acreditava – Deus, virtude, justiça, amor pelo próximo – são reconhecidas como erros insustentáveis. Precisamente porque somos ainda devotos, como diz o longo aforismo 344 de *Gaia Ciência*, e precisamente porque acreditamos ainda no valor da verdade, também nós, homens do conhecimento de hoje, nós, ateus e antimetafísicos, continuamos ainda a tomar o nosso fogo pelo incêndio que uma fé milenária acendeu, aquela fé cristã que era também a fé de Platão, para quem Deus é a verdade e a verdade é divina²⁰.

Observamos, então, como a moral cristã e religiosa desempenha curiosamente um papel fundamental em sua própria derrocada, criando e inflando nos homens esta vontade de verdade que leva os crentes a voltarem-se contra sua própria crença. A auto-supressão da moral terá fundamental importância para compreendermos o anúncio da morte de Deus, que trataremos a seguir.

O anúncio da morte de Deus, feito de forma belíssima no aforismo 125 de *A Gaia Ciência*, constitui o ponto culminante da crítica moral de Nietzsche, simbolizando a queda de toda a moral metafísica e religiosa. Surge a metafórica figura do “homem louco”, que “adentrará ao mercado²¹” e

¹⁹ João 14:6, Bíblia de Jerusalém, p. 1879.

²⁰ VATTIMO, Introdução a Nietzsche, p. 51.

²¹ Quanto à significação do mercado: “O mercado é o lugar onde se gestaram a filosofia ocidental e, com isto, seus produtos de maior força histórica – as idéias metafísicas.” (TÜRCKE, O louco: Nietzsche e a mania da

lá perguntará por Deus. Sem receber resposta alguma que não fossem deboches, proclama, então, que Deus está morto, e os próprios homens o mataram. A menção à autoria deste assassinato impressiona tanto quanto o próprio assassinato. Neste ponto é fundamental termos em mente a auto-supressão da moral para compreender o porquê de se colocar os próprios homens como culpados. Pois, ao perseguirem a verdade acabaram por cometer o assassinio do divino. Deus serviu para simbolizar esta moral, tendo em vista ser sua configuração mais vibrante. A seguir, um fragmento deste paradigmático aforismo e precioso trabalho literário:

O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda “em cima” e “embaixo”? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos de acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulhos dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue²²?

Exemplos de tal fato não faltam, pois, para Nietzsche, a partir de um questionamento sistemático destes axiomas chegaremos à inevitável conclusão de que eles não possuem fundamento e por isso são dogmas. Com efeito, tais sistemas morais estarão sempre assentados sobre um dogma, seja a existência de Deus para o cristianismo, seja o *factum* da razão para a moral kantiana. Logo, com esta constatação desfere-se um golpe mortal aos sistemas por eles sustentados.

Também é interessante observar que este aforismo está, sem dúvida, permeado de vários simbolismos, sob os quais muitas teses já foram escritas. Um deles, no entanto, parece particularmente interessante para nós, provocando a imediata indagação: Quem é este “homem louco” e porque justamente tal figura foi escolhida para trazer tão importante anúncio? Uma infinidade de possibilidades hermenêuticas aflora ao se tentar responder estas indagações. Todavia,

razão, p. 20). Devemos notar que Türccke, ao mencionar as idéias metafísicas, refere-se não só à filosofia platônica, mas também à religião cristã, uma vez que foi no mercado de Atenas que o discípulo Paulo apresentou o cristianismo aos gregos.

²² NIETZSCHE, A Gaia Ciência, p. 147/148.

uma destas interpretações se mostra particularmente sedutora, trazida ao debate pelo notável comentador de Nietzsche em língua inglesa Walter Kaufmann:

Nietzsche de forma profética visualiza a si mesmo como um homem louco: ter perdido a Deus significa loucura; e quando a humanidade descobrir que ela perdeu Deus, uma loucura universal se desencadeará. Este sentimento apocalíptico de coisas terríveis por vir paira sobre o pensamento de Nietzsche como uma nuvem de tempestade²³.

A interessante associação entre a loucura e a perda de Deus, feita por Kaufmann, aponta para o vazio resultante desta perda, sendo que o que se perde é o principal referencial para a moral. Devemos levar em consideração que o pensamento de Nietzsche estará sempre à sombra do niilismo.

Ao nos confrontarmos com tão devastadora crítica ao cristianismo é inevitável nos questionarmos se não estamos diante de um pensamento ateu. Muitos provavelmente responderiam de forma afirmativa, mesmo porque anunciar a morte de Deus seria defender sua inexistência²⁴.

Acreditamos que tal posição não faz justiça à metáfora da morte de Deus, pois, não captura seu total significado. Basta observarmos que, para Deus estar morto, é necessário ele ter estado vivo

²³ “Nietzsche prophetically envisages himself as a madman: to have lost God means madness; and when mankind will discover that it has lost God, universal madness will break out. This apocalyptic sense of dreadful things to come hangs over Nietzsche’s thinking like a thundercloud”. (KAUFMANN, “Nietzsche Philosopher, Psychologist, Antichrist”, p. 97, tradução própria).

²⁴ No sentido de afirmar um ateísmo em Nietzsche, não podemos desconsiderar a posição de Karl Löwith que, em seu texto *Nietzsche e a completude do ateísmo*, afirma que no pensamento nietzschiano encontramos uma negação de Deus mais radical (e completa) do que em outros pensadores ateus: “Não somente negou, como fez Feuerbach, o “sujeito” dos “predicados” cristãos, isto é, Deus, mas também e principalmente os próprios predicados: bondade, amor, piedade, etc.” (LÖWITH, “Nietzsche e a completude do ateísmo”, p. 154). Acreditamos, entretanto, não existir uma total incompatibilidade de interpretações entre a de Löwith e a nossa. Estamos de pleno acordo com a afirmação de que Nietzsche crítica não só a Deus, mas aos valores dele decorrentes. Por outro lado, vemos que a palavra ateísmo deve ser colocada com certa cautela ao se tratar do pensamento nietzschiano. Devido ao fato de que a reflexão feita pelo pensador em questão se atém a Deus e a religião, não enquanto entidades em abstrato, mas com relação ao impacto social e moral das mesmas no homem.

antes. Claro que, com esta colocação, não pretendemos afirmar, tampouco, que Nietzsche acreditasse realmente que Deus, como figura ontológica criadora do mundo, tenha de fato existido. Para compreendermos o que significa falar na morte de Deus é preciso entender inicialmente que Deus neste contexto não representa o ser todo poderoso pregado pelas religiões, mas algo que simboliza o fundamento dogmático, no qual estas religiões e varias teorias morais se assentam²⁵. Compreendido isto, podemos ver que a metáfora alcança seu mais profundo sentido²⁶.

Por fim, evidencia-se que Nietzsche não tinha interesse algum no debate ontológico sobre a existência ou não de Deus. O que ele queria, efetivamente, era buscar respostas melhores para a indagação pelos valores humanos. A resposta religiosa era considerada por Nietzsche algo que não instigava o pensamento e, por isso, incompatível com sua natureza questionadora, o que o levou a afirmar um “ateísmo por instinto” que em nada se confunde com um ateísmo ontológico:

Não conheço em absoluto o ateísmo como resultado, menos ainda como acontecimento: em mim ele é óbvio por instinto. Sou muito inquiridor, muito duvidoso, muito ativo para me satisfazer com uma resposta grosseira. Deus é uma resposta grosseira, uma indelicadeza para conosco, pensadores – no fundo até mesmo uma grosseira proibição para nós: não devem pensar²⁷!

2. O impacto da morte de Deus na moral

Uma vez analisado o anúncio da morte de Deus e compreendido seu significado, é fundamental indagar sobre os seus resultados, principalmente no que concerne ao debate da

²⁵ Türcke apresenta Deus, neste contexto, dotado da seguinte significação: “Tomando-se o conceito “Deus” em toda sua gravidade, como em Nietzsche, ele não representa meramente um ser mais elevado, no qual se pode crer ou não, mas a suma de toda a metafísica, o que significa que, caindo Deus, cai todo o Ser imaterial espiritual, que dá forma, sustentação e cognoscibilidade ao mundo físico. Desaparece então toda a verdade objetiva, na qual o intelecto humano poderia agarrar-se para fazer face à instabilidade da labuta cotidiana e a alma humana poderia encontrar um consolo.” (TÜRCKE, O louco: Nietzsche e a mania da razão, p. 31).

²⁶ Lembremos que, até o ponto em que o homem voltou-se contra o dogma motivado pela vontade de verdade, o fundamento dogmático existiu e teve valor de verdade. Só posteriormente com a auto-supressão da moral é que tal fundamento foi derrubado e “morto”. É preciso ter em mente que, embora Nietzsche critique a moral e a religião, ele tem a consciência de que tais instituições desempenharam seu papel histórico, em *Humano, Demasiado Humano* se afirma que não basta criticar a metafísica é preciso superá-la e para tal aceitar sua necessidade histórica: “Um grau certamente elevado de educação é atingido, quando o homem vai além de conceitos e temores supersticiosos e religiosos, deixando de acreditar em amáveis anjinhos e no pecado original, por exemplo, ou não mais se referindo à salvação das almas: neste grau de libertação ele deve ainda, com um supremo esforço de reflexão, superar a metafísica. Então se faz necessário, porém, um movimento para trás: em tais representações ele tem de compreender a justificação histórica e igualmente psicológica, tem de reconhecer como se originou delas o maior avanço da humanidade, e como sem este movimento para trás nos privaríamos do melhor que a humanidade produziu até hoje” (NIETZSCHE, *Humano, Demasiado Humano*, p. 29).

²⁷ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, p. 33.

filosofia moral. É preciso lembrar que a religião sempre desempenhou papel central no que concerne a moralidade, seja ditando regras, vedando condutas ou criando sanções extra-mundanas. Portanto, é inegável que a morte do religioso na filosofia terá resultados paradigmáticos e desencadeará uma constante e incansável luta contra o niilismo por parte dos que se propuserem a fazer filosofia após a morte de Deus.

Sem dúvida, o evento da morte de Deus coloca-se como o ponto mais alto da crítica feita por Nietzsche à moral religiosa e metafísica. Por outro lado, é de grande importância analisarmos o que subjaz a este evento e os resultados deixados por ele. Devemos rememorar que a filosofia de Nietzsche repousou sempre sobre um fio de navalha acima do abismo do niilismo. A série de perguntas lançadas pelo “homem louco” atinge as principais crenças humanas, trazendo à tona a angústia causada pelo vazio que a morte de Deus deixou. Não apenas os valores, mas a forma de valorar (avaliar) dos homens perdeu-se, pois provinham da moral, agora em ruínas. Não resta já qualquer paradigma ao homem, nem proposição que lhe indique o agir: o homem está, pois, em total desamparo²⁸. E isto devido ao fato de que, como o próprio Nietzsche menciona em *Aurora*: “qualquer costume é melhor do que nenhum costume”²⁹. Esta seria a primeira regra da civilização. A humanidade encontra-se, com efeito, em total angústia e sob a mercê do niilismo.

No fabuloso romance *Os irmãos Karamazov* de Fiódor Dostoiévski o personagem Ivã Karamazov, que praticamente simboliza o niilismo, apresenta a influência da religião e os resultados de sua inexistência, nos mesmos moldes em que Nietzsche apresenta a morte de Deus. Ainda que o contato de Nietzsche com a obra de Dostoiévski seja colocado como posterior ao escrito da *Gaia Ciência* pelos seus biógrafos, é interessante observarmos a seguinte passagem da obra do autor russo:

²⁸ Türcke vê na morte de Deus, além do vazio ético, um “vazio epistêmico”, pois também a ciência é vitimada: “Ciência é, antes, uma atitude de vida, isto é, um colete especialmente forjado de conceitos, juízos, conclusões, o qual deve dar suporte à vida, preenchê-la de sentido, fazê-la ‘parecer compreensível e assim aparecer como justificada’. Aqui está atuando uma fé metafísica, um otimismo totalmente transparente: que o sistema abstrato de idéias esteja em condição de apanhar em si a totalidade da existência concreta, que ele seja o centro no qual a totalidade do mundo se deixa resumir.” (TÜRCKE, O louco: Nietzsche e a mania da razão, p. 87).

²⁹ NIETZSCHE, *Aurora*, p. 23.

Há cinco dias, numa reunião em que se achavam sobretudo senhoras, declarou ele solenemente, no curso duma discussão, que nada no mundo obrigava as pessoas a amar seus semelhantes, que não existia nenhuma lei natural ordenando ao homem que amasse a humanidade; que se o amor havia reinado até o presente sobre a terra, era isto devido não à uma lei natural, mas unicamente à crença das pessoas em sua imortalidade. Ivã Fiódorovitch acrescentou entre parênteses que nisso está toda a lei natural, de sorte que se destruíss no homem a fé em sua imortalidade, não somente o amor secará nele, mas também a força de continuar a vida no mundo. Mais ainda, não haverá então nada de imoral, tudo será autorizado, até mesmo a antropofagia³⁰.

O intrigante personagem de Dostoiévski verifica que a ação humana só é moral por estar ancorada na crença religiosa da imortalidade da alma e no conseqüente medo de uma punição após a vida. De modo que basta que se retire esta moral religiosa para que se encontre o homem desnordeado.

Não podemos fugir da indagação sobre a possibilidade de uma moral que tenha valor intersubjetivamente. Tal questionamento aparece não apenas no pensamento nietzschiano, mas no debate moral contemporâneo.

Devemos, então, nos perguntar se o pensamento do filósofo alemão não se trata de um niilismo, de uma reflexão que leva à total ausência de sentido da vida humana?

Nietzsche, sem dúvida, não propõe uma teoria moral no mesmo sentido das que ele critica, pois, de tal modo, teria sua proposta derrubada pelas suas próprias críticas. Todavia, não se trata de um pensador que apenas desconstroi: podemos observar importantes esforços do pensador de Röcken em superar o niilismo. Embora não seja o tema que nos propusemos a abordar no presente trabalho, exporemos, de forma breve e ilustrativa, uma proposta de um novo critério colocado pelo pensador que nos impede de considerá-lo um niilista.

Esta proposta é apresentada no mesmo livro em que é feito o anúncio da morte de Deus, e dá-se com o anúncio do “maior dos pesos”, o eterno retorno do mesmo. Acreditamos que a melhor forma de explanar o importante conceito do eterno retorno é através das palavras do próprio Nietzsche, no aforismo 341 de *A Gaia Ciência*:

³⁰ DOSTOIÉVSKI, Os irmãos Karamazov, p. 57.

O maior dos pesos – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma seqüência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso por mais um vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela³¹?

Inicialmente, não nos é permitido deixar escapar a relação que é feita ao colocar-se o eterno retorno como o maior dos pesos. A menção a idéia de peso já aponta em direção a um novo referencial, uma nova maneira de pesar valores, constituindo, desta forma, uma proposta para a superação do vazio que a morte de Deus deixou. Existe um grande debate entre os mais notáveis comentadores do pensador alemão sobre o que seria o eterno retorno, se uma teoria ontológica ou imperativo ético. Independentemente disto, está imbricado à idéia do eterno retorno um imperativo moral, que tem o fim de preencher o vazio deixado pela quebra das “velhas tábuas”. No aforismo previamente citado, vemos, além do anúncio, a importante indagação acerca da reação do homem ao eterno retorno. Sendo que para sobreviver a tal anúncio, e não ser “esmagado por seu peso”, deve o indivíduo aceitar sua existência, em outras palavras, dizer sim à vida. É esta a atitude apropriada, pois mesmo que não haja livre-arbítrio, não haja compaixão, nem mesmo sentido na vida, pode ainda o homem aceitar e mesmo amar tal situação. Tal conduta é descrita como *amor fati* (amar a fatalidade/destino):

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim³²!

³¹ NIETZSCHE, A Gaia Ciência, p. 230.

³² NIETZSCHE, A Gaia Ciência, p. 187/188.

Antes que sejam feitas críticas a esta postura como sendo demasiadamente conformista, tenhamos em mente que dizer sim ao eterno retorno é aceitar o maior dos pesos. Nietzsche afirma que quem dá as cores ao mundo é o homem através de sua interpretação, logo é conveniente buscar colorir a pintura da existência com as mais belas cores. Tampouco devemos acreditar ser uma tarefa fácil aceitar a existência - lembremos que para isso deve-se dizer sim, não só aos prazeres, mas também às dores, e mesmo os mais terríveis sentimentos e obscuros dias devem ser aceitos. É importante observarmos que, com tal proposta, Nietzsche não se esquivava ao problema do niilismo através de escudos metafísicos ou da sua negação, mas o pensamento abissal do niilismo deve ser enfrentado e aceito.

4. Considerações finais

Com presente estudo observamos que a luta contra o niilismo coloca-se como a nova tarefa do pensamento filosófico, que deve buscar o sentido da vida fora dos dogmas metafísicos e religiosos. Neste ponto se evidencia a atualidade do tema em questão, não se tratando apenas de um estudo histórico, dado ao fato de que os problemas colocados pelo pensamento nietzschiano ainda não foram resolvidos; e são centrais no atual debate filosófico. Pode-se dizer que a morte de Deus, embora já colocada, ainda está longe de ser efetivamente superada.

Referências Bibliográficas

ARALDI, Clademir Luís. *Nietzsche como Crítico da Moral*. Dissertatio. Pelotas [27 – 28] p. 33 – 51, 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Abril, 1971.

FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Editora Presença, 1988.

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche Philosopher, Psychologist, Antichrist*. New Jersey: Princeton University Press, 1974.

LÖWITH, Karl. *Nietzsche e a completude do ateísmo*. In: MARTON, Scarlett (org.) *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TÜRCKE, Christoph. *O louco: Nietzsche e a mania da razão*. Petrópolis: Vozes, 1993.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche*. Editorial Presença, Lisboa, 1990.